

por el autor en otro soneto español". Damos la versión castellana, que corresponde al folio 245 del códice: "Ya el grande Montmorency sólo es ceniza fría, / que hacia dó todo pára, la suerte arrebató; / sus Iguales lo siguen, al es que alguno existió: / de Aquiles y Alejandro esta es la suerte impía. / No pudo libertalo la virtude que tenia, ni acabar supo Marte la obra que empezó; / él respetó la sangre, que conservar se vio / para la más vil mano que verlería podía. / Del brazo, que de muertos las campañas cubrió, / uno y otro elemento los esfuerzos sintió, y su gloria ha excedido todo lo que se admira. / Si el cielo con un héroe quiere a la tierra honrar / lo muestra solamente; y al punto lo retira / de su valor temiendo que no lo haga adorar". Además, en el folio 263, se encuentra la imitación, o más bien traducción, de la oda francesa intitulada *El mérito personal*, escrita por M. de la Motte a M. Rousseau.

- 9 Cfr., Manuel Mujica Lainez, *Estudio preliminar a Juan Cruz Varela, Poesías*, Buenos Aires, Editorial Estrada, 1943, pág. 20.
- 10 *Estudio sobre las obras y la persona del literato y publicista argentino D. Juan de la Cruz Varela*, Buenos Aires, Imprenta y Librería de Mayo, 1871.
- 11 Véase, *Ibidem*, págs. 151-166.
- 12 Citamos por Petronius, *Satyricon*, with an english translation by Michael Heseltine, Massachusetts, London-Cambridge, 1939, pág. 228. Maximino de Barrio, en la revista *Azul de la Argonina*, *Azul*, 1930, Año 1, setiembre-octubre, N.º 6, págs. 30-36, ha dado una curiosa versión "al antiguo romance castellano" y, también, un traslado moderno al mismo idioma.
- 13 Gutiérrez, *opus cit.*, pág. 151.
- 14 *Ibidem*, pág. 151.
- 15 *Ibidem*, pág. 151.
- 16 *Ibidem*, pág. 152.
- 17 *Ibidem*, pág. 155.
- 18 *Ibidem*, pág. 153.
- 19 *Ibidem*, pág. 165.
- 20 Véase, oportunamente, Antonio E. Serrano Redonnet, *Once fábulas inéditas de Juan Cruz Varela* (en prensa).
- 21 Folio 253 del códice de poesías juveniles.
- 22 *Ibidem*, folio 247.
- 23 Citamos por La Fontaine, *Fables Choises*, Paris, Nouveaux Classiques Larousse, 1965, I, pág. 34.
- 24 Folio 259 del códice de poesías juveniles. Copiamos la última estrofa de esta fábula: "? Y no puedo decir sin disimulo / que miente y que remiente el Padre Angulo / que atribuye a los perros gran talento, y viendo que al de mí cuento / ni le ocurrió siquiera / 'que en ninguna manera / se debía confiar de su enemigo / aunque se le vendiese por amigo?'"
- 25 La Fontaine, *opus cit.*, pág. 85.
- 26 Folio 261 del códice de poesías juveniles.
- 27 Cfr. E. Gérusez, *Cours de Littérature*, Paris, 1850, pág. 351.

UM POETA A CAMINHO

Otávio de Faria

Não obstante nove volumes publicados, ainda é cedo para se traçar um esquema da trajetória poética de Carlos Nejar. Qualquer delimitação rigorosa afigura-se arbitrária, problemática mesmo. E não estou longe de pensar que ele próprio se recusará a endossar não importa qual das tentativas até hoje esboçadas para o enquadrar nasse ou naquele esquema. Aliás, uma de suas maiores forças vem daí — dessa eterna fuga a qualquer definição inapelável. Mas, também, o fato de ainda não se lhe ter reconhecido a sua extraordinária importância.

Por outro lado (como se estivéssemos contemplando agora a outra face da medalha), Carlos Nejar, em pouco mais de dez anos, construiu uma obra poética de tal vulto, não só pela quantidade de títulos, ano após ano editados, como pela qualidade dos poemas apresentados, que não há como não reconhecer, que, entre contemporâneos, nenhum conseguiu oferecer, em tão pouco tempo, provas tão seguras, tamanha riqueza poética, tanto trabalho íntimo, tão profundo domínio do *métier*. Para o limitado de apenas uma dúzia de anos, a densidade poética de sua obra é realmente espantosa. E é ela que nos convida, aqui, a uma meditação em que o cuidado e o espanto se revesam de modo ininterrupto.

De sua estréia, em 1960, com *Sélesis*, a 1973, ano da publicação de *Casa dos Arreios*, sucedem-se volumes de poesia os mais diversos, cada qual trazendo, em relação aos anteriores, novidades substanciais, vivências absolutamente inesperadas. Não só nenhum deles repete os que o precedem (nem em forma nem em temática), como em nenhum se anuncia o ciclo que está por vir. E isso, sem que, a cada volume, se vá deparar com um Carlos Nejar diferente,

novo, inconciliável com os anteriores. Pelo contrário, ante nossos olhos de leitor atento, curioso talvez, Nejar está sempre presente — Nejar como ele é, imutável em sua essência poética, em sua figura humana.

De fato, cada livro que publica apresenta um aspecto diferente do seu evoluir poético, de sua natureza em desenvolvimento — em constante e até hoje não-advinhado prolongamento interior. Ainda que o núcleo permaneça o mesmo (o eu-Nejar), é sempre sob um aspecto novo que se mostra de conformidade com sua dinâmica essencial: um permanente movimento em direção à maior expressão e à mais íntima compreensão do seu eu problemático, multiforme. Ou seja: humano potencial.

Um poeta em movimento, eis realmente um ângulo pelo qual o poeta Carlos Nejar pode ser focalizado — e foi o que Ernani Reichmann via com segurança quando escreveu: "Nejar é um poeta em caminho, isto é: no tempo." (1) E isso em não importa qual de seus livros, tanto nos quase simbólicos, como *Sélesis* e *Livro de Silbion* (ali o cão, aqui o pássaro — sempre o homem, sempre Nejar), como nos quase líricos *Livro do Tempo* e *O Campeador e o Vento*, ou aparentemente conceituais, como *Danações* ou *Ordenações*. Nenhuma repetição de temas, insisto — a problemática é sempre nova, como em *Canga* ou *Casa dos Arreios*. É que, ao longo de sua obra, o poeta vai se mostrando sob aspectos novos e vários, enfrentando problemas diferentes, revelando-se à luz de sua contínua, trágica, e jamais estática personalidade. Um poeta em devir ininterrupto. Uma natureza das mais ricas, sem dúvida, em fases diversas, iluminadas por luzes cambiantes, caminhando sempre e sempre registrando todas as etapas de suas mutações imprevisíveis. Nada o detém nessa caminhada — e nada o retém em parte alguma: campo, casa, tempo, ordem, estado, crença. Avança sempre. Devora espaços, consome estados de alma, diz, repete, labuta sempre. Se aqui o julgamos chegado a um porto — a tranquilidade da casa, o amor ao campo, a força do vento, o poder do tempo, a segura ordenação das coisas, o absoluto do amor —, como se se tratasse um ponto fixo u mamparo, uma arribada, logo o vamos encontrar adiante, prosseguindo a jornada, transpondo espaços, físicos e psíquicos, apontando novos portos e deixando-os sempre para trás, como se realmente estivesse em busca de qualquer coisa impossível de especificar ou definir, mas que está pressuposto em seu permanente evoluir de um estado para outro.

1) *A Poética de Carlos Nejar* — Temístocles Linhares e Ernani Reichmann — p. 84. (U.F.P. — Curitiba, 1973).

O poeta não traça, não delimita, não indica nenhum dos itinerários habituais entre os demais poetas — pois, como tão admiravelmente indicou Ernani Reichmann: "Sua mensagem é ele mesmo em seu original e indissociado, onde cabe toda condição humana." (2) Não se assemelha, por exemplo, aos que, partindo para chegar a uma certeza, e aportando a essa certeza, descobrem que foi uma total incerteza o que se lhes deparou. Ou, em direção a uma fé, esbarram na irremediável incredulidade. Nenhum programa, nenhuma conformidade com as "partidas" e as "chegadas" usuais. Digamos mesmo que seus movimentos nada têm de "direcionais" e são, apenas, ou essencialmente, "circulares". E situemos: nesse particular, Nejar lembra mais Cassiano Ricardo ou João Cabral do que, digamos, Bandeira ou Schmidt, Murilo ou Vinícius. Mas, não nos esqueçamos: esses "círculos" são, essencialmente, em torno de sua pessoa humana que ele os descreve: Nejar e o destino do homem, Nejar e o tempo, Nejar e o vento do campo, Nejar e a danação, Nejar e as coisas a ordenar, Nejar e o humano a preservar, Nejar e o amor supremo. E isso como se, de cada vez, ele se visse e visse o mundo sob ângulo inédito: o do círculo que descreve em torno do novo ponto (casa, campo, tempo, danação, ordem, amor, segurança) — o que lhe vai permitir afirmar:

"A resposta não existe nesta terra sem resposta", (*Livro de Silbion*)

Assim a cada livro, a cada círculo que Nejar traça em torno de si mesmo, o mundo nos é oferecido renovado, vário, instável, às vezes desconhecido, inesperado. É que o eu do poeta se desloca, torna-se sujeito, objeto, amplifica-se distorce-se, concentra-se, avança, pára, renuncia, cede o lugar ao mundo e às suas realidades, volta assumir novas proporções imprevistas — sonho, imaginação, devaneio —, agiganta-se, confunde-se com o próprio universo, desfaz-se, some. Tudo se torna angulação poética, visão privilegiada e distorcida, projeção descomunal, multiplicidade do eu, descoberta, invenção, intuição, pergunta sem resposta. Ou, quem sabe, presença do sobrenatural, por menos invocado que seja? Pois o poeta bem sabe:

"Deus não se inventa, se encontra." (*Livro de Silbion*)

Assim, como fazer a volta temática de Nejar, como estruturar um sistema que condicione todo o seu mundo poético? Alguma coisa escapa sempre e as tentativas até agora feitas, por mais brilhantes que, aqui e ali, tenham sido, esbarram sempre nesse irremovível obstáculo: a poesia de Nejar ainda não pode ser circunscrita, a definição última do poeta escapa sempre por entre as malhas que sobre ela lançam.

2) Op. cit. p. 104.

As duas principais experiências, (3) a quase estruturalista de Nelly Novaes Coelho (4) e a, sob tantos aspectos extraordinária, existêncio-fenomenológica, de Ernani Reichmann (5) colocam-nos ante o mesmo obstáculo: Carlos Nejar excede, extrapassa os limites que eles tentam traçar. Ao fim desses estudos, sentimos um Nejar que ultrapassa, que não se deixa enclausurar, que reclama mais espaço e mais altura, uma espécie de ultrademarcação. Pois é em vão que, quase ilhada pela exaltação humanística de **Casa dos Arreios**, Nelly Novaes Coelho procura recorrer a Berdiaef e a suas concepções filosóficas de um cristianismo antropomórfico. E é o próprio Reichmann que, ao término de suas espantosas análises terrivelmente exaustivas de um por um dos volumes de Nejar, confessa que nenhuma palavra definitiva pode ser pronunciada sobre "qual o destino do homem" — que é, lembremos, a pergunta inicial e a pergunta final de **Sélesis** — e, honestamente, declara: "assim, a pergunta pelo destino do homem adquire, a cada livro, nova dimensão e novo sentido pelo mergulho cada vez mais profundo no trágico — que reside também em nosso cotidiano." (6)

É essa constante "nova dimensão", esse permanente "novo sentido" de cada uma de suas obras que confere a Nejar, a nosso ver, a sua excepcional importância. Já o dissemos, mas não será demais repetir: é um novo (e, ao mesmo tempo, o mesmo) Nejar, aquele com que sempre deparamos. Defini-lo pelos seus característicos essenciais (e tão freqüentemente) apontados: interiorização e humanismo) não nos leva muito longe, mesmo que ampliemos esses conceitos o mais possível e repitamos, já agora com o poeta:

"O homem é uma angústia de Deus" (**Sélesis**), ou:

"Sou apenas um homem / E não vos peço nada. / Sou apenas um homem / Não um anjo nem Deus" // (**Livro de Silbion**) ou:

"Encontrei o humano / — o seu rosto inteiro — / não somente traços." // (**Ordenações**) ou, finalmente:

"Onde existir o humano / Irão meus ossos. / / Onde existir o humano / ai vão meus parentes / e todos os pertences. / / Onde existir o humano / irá meu reino vivo." // (**Casa dos Arreios**)

Mas em Carlos Nejar até onde não irá realmente o humano? Essa busca feroz, trágica é a sua força motora, sua maior grandeza, aquilo que o torna o mais problemático dos nossos poetas mo-

ços, alguém capaz certamente de atingir os cumes máximos de nossa literatura. Nesse terreno do intransigente, apaixonadamente humano, Nejar tem diante de si o mais arrojado, mas também o mais ilimitado dos caminhos. Dirá, quase relembrando o Fernando Pessoa do "Tudo vale a pena / se a alma não é pequena":

"Até onde a paixão vier
a alma se entenderá.

Não pararei." (**Ordenações**),

ou, absorvido na própria experiência:

"Quando há coisas do amor

a morte é espuma" (**Ordenações**)

Que lhe importa verificar que a sua contribuição não pôde, até agora pelo menos, ser rigorosamente sistematizada, enquadrada em definições precisas? Seu depoimento — essa extraordinária obra poética em expansão — está aí, presente, desafiando todas as tentativas, porque as palavras finais, prometidas, estão longe de terem sido proferidas. Aliás, não é ele próprio que nos pede, sempre que nos referimos ao seu último livro publicado, que só o tentemos analisar depois da leitura do volume a sair? Que maior prova de vitalidade, de força de devir poético, pode nos dar um "poeta em caminho" (um autêntico poeta, portanto), do que essa opção para um depoimento em elaboração, esse pedido de atenção e ouvidos vigilantes, essa solicitação para que seja acompanhado no testemunho ainda não terminado do seu "reino vivo"? Sim, ele nos avisa:

"Como repor-me

entre os vivos

se ainda trago

o calabouço comigo?" (**Ordenações**)

mas é ele, também que nos tranqüiliza:

"Carregai-me, barca.

E ainda canto." (**Danações**)

Carlos Nejar — **Sélesis** (1960) — **Livro de Silbion** (1963) — **Livro do Tempo** (1965) — **O Campeador e o Vento** (1966) — **Danações** (1969) — **Ordenações** (1969-71) — **Canga** (1971) — **Casa dos Arreios** (1973) — **Poço do Calabouço** (1974) — **De Sélesis a Danações** (1975), 2.ª edição dos cinco primeiros livros.

3) Já não falo dos prefácios, orelhas ou estudos de um Antônio Houaiss, de um Guilhermino César, de um Ilálco Marcon, de um Antônio Ramos Rosa.

4) Nelly Novaes Coelho, **Carlos Nejar e a Geração de 60** (S. Paulo, Ed. Saralva, 1971) e o prefácio de **Casa dos Arreios**, 1973.

5) Op. cit.

6) Op. cit., p. 134.